

PPC- PROPOSTA PEDAGÓGICA CURRICULAR

FILOSOFIA



Professores responsáveis pela elaboração: Fernando Brignoni,
João Gabriel de Lima e Leila Cristine Rosa

2017

FILOSOFIA

FUNDAMENTOS TEÓRICOS DA DISCIPLINA

Todo povo que atinge um certo grau de desenvolvimento sente-se inclinado à prática da educação. Ela é o princípio por meio do qual a comunidade humana conserva e transmite a sua peculiaridade física e espiritual. Com a mudança das coisas, mudam os indivíduos; o tipo permanece o mesmo. Homens e animais, na sua qualidade de seres físicos, consolidam a sua espécie pela procriação natural. Só o homem, porém, consegue conservar e propagar a sua forma de existência social e espiritual por meio das forças pelas quais a criou, quer dizer, por meio da vontade consciente e da razão. [...] a educação não é propriedade individual, mas pertence por essência. [...] Toda educação é assim resultado da consciência viva de uma norma que rege uma comunidade humana, quer se trate da família, de uma classe ou uma profissão, quer se trate de uma agregado mais vasto, como um grupo étnico ou um Estado.” Jaeger, W. Wilhelm. Paidéia: a formação do homem grego. 4 ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2001. pp. 3 - 4.

A LDB nº 9394/96 em seu artigo 36, parágrafo 1º, sugere o “domínio dos conhecimentos de Filosofia e Sociologia necessários ao exercício da cidadania”. Em 2008 a revisão do artigo 36, por meio da Lei 11.684/08 estabelece a obrigatoriedade da Filosofia e da Sociologia como disciplinas nos currículos do Ensino Médio. Considerando especificamente o retorno da filosofia como disciplina nos currículos da educação básica, é preciso ressaltar que essa conquista não se deu antes de calorosos debates. A justificação do ensino de filosofia fora uma das questões permanentes do debate. De modo que, considerando um retrospecto histórico-brasileiro entre os anos de 1964 a 1980, uma das justificações é a de que a filosofia seria um caminho a ser seguido no processo de redemocratização do país. Tais justificações acabam por conceder um olhar instrumental à filosofia, desconsiderando sua *especificidade*. É preciso considerar o ensino de filosofia com o caráter da própria filosofia, em-si-mesmo e não condicionado. Ou seja

entre os pensamentos, os dignos de escolha devido à contemplação pura são mais honrosos e superiores àqueles que são úteis a outras coisas. Mas as contemplações são honrosas em si mesmas e, entre

elas¹, é o saber da inteligência que é digno de escolha, enquanto os pensamentos relativos à sabedoria são honrosos graças às ações. ” (Aristóteles. Da Geração e da Corrupção, seguido de Convite à Filosofia. São Paulo: Landy, 2001. p. 157).

A especificidade da filosofia a torna uma história viva. Uma vez que a filosofia consiste na abertura discursiva no mundo. Outrossim, sob a dimensão da cultura e da educação a filosofia pode ser tida como propedêutica na formação do jovem estudante. Estreitando o diálogo com as humanidades a partir dos diferentes discursos que constituem em diferentes aberturas para o mundo reforçado por seu caráter extemporâneo.

Para Gramsci (1995, p.33) “a consciência emerge na história da espécie humana como uma função plenamente integrada aos processos das atividades que os homens passam para cuidar da própria sobrevivência material”. A atividade filosófica, nesse sentido, intensifica essa consciência na medida em que promove a reflexividade, ou seja, esse ser humano concebido em sociedade é tomado da consciência de si mesmo, do outro e do mundo. Para daí criar ou recriar seu próprio “tempo”. “A possibilidade da “transgressão criadora” encontra-se nessa consciência do sujeito que se percebe objeto, ou seja, a consciência está situada numa dimensão individual e, simultaneamente, social”².

No prefácio da segunda edição de “A essência do cristianismo”, Feuerbach alerta para o espetáculo da imagem,

sem dúvida o nosso tempo ... prefere a imagem à coisa, a cópia ao original, a representação à realidade, a aparência ao ser... Ele considera que a *ilusão* é sagrada, e a *verdade* é profana. E mais: a seus olhos o sagrado aumenta à medida que a verdade decresce e a ilusão cresce, a tal ponto que para ele, o *cúmulo da ilusão* fica sendo o *cúmulo do sagrado*.

1 Grifo meu.

2 GHEDIN, E. *Ensino de Filosofia no Ensino Médio*. 2.ed. – São Paulo: Costez, 2009. – (Coleção Docência em Formação. Série Ensino Médio). p. 67.

A respeito da especificidade do ensino da filosofia, pensamos que por meio da reflexividade – caráter reflexivo do pensamento – a atividade filosófica se mostra como saída da sedução ideológica desse mundo espetacular da imagem, no qual há uma inversão da vida, esse por sua vez, automatizada. A filosofia convinda à dança “desequilibrante” das representações do mundo da mercadoria – *fetichismo da mercadoria*. Enquanto *paidéia* a filosofia confirma a multiplicidade de seus discursos e, no aspecto pedagógico, sua força educadora.

Em outras palavras, a atividade filosófica que tem seus primeiros passos, especialmente para o estudante da educação pública, no ensino de filosofia é vital, necessário para percepção da humanidade, “o aluno precisa da reflexão filosófica para o alargamento da consciência crítica, para o exercício da capacidade humana de se interrogar e para a participação mais ativa na comunidade em que vive”³.

Objetivos

Sob a perspectiva extemporânea e de que Filosofia não consiste no simples ensino de conteúdo, a atividade filosófica em sala de aula deve incluir atitudes favoráveis à problematização, investigação e criação de conceitos, promovendo a:

- Sensibilização do estudante para a importância na construção de um diferente olhar sob a realidade imposta – desenvolvimento do espírito crítico;
- Habilidade dialógica, isto é, buscar nos autores clássicos posicionamentos e reflexões sobre questões atuais, demonstrando o caráter extemporâneo da história da filosofia;
- Transformação social (*status quo*), a medida em que contribui para que o estudante compreenda sua dimensão no âmbito social - reflexividade;
- Compreensão da singularidade, a medida em que a reflexividade permite ao estudante ver-se de maneira singular no mundo – “ser em si”;

³ ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; Martins, Maria Helena Pires. *Filosofando: introdução à Filosofia*. São Paulo: Moderna. 1996. p. 3.

CONTEÚDOS ESTRUTURANTES E BÁSICOS

1ª Série

CONTEÚDO ESTRUTURANTE: Mito e Filosofia; Teoria do conhecimento.

CONTEÚDO BÁSICO:

1º trimestre	2º trimestre	3º trimestre
Saber mítico; Atualidade do mito; Saber filosófico; Relação Mito e Filosofia;	O que é filosofia; Possibilidade do conhecimento; As formas de conhecimento;	O problema da verdade; A questão do método; Conhecimento e lógica.

2ª Série

CONTEÚDO ESTRUTURANTE: Filosofia da Ciência e Estética

CONTEÚDO BÁSICO:

1º trimestre	2º trimestre	3º trimestre
Concepções de ciência; A questão do método científico; Contribuições e limites da ciência; Ciência e ideologia.	Ciência e ética; Aspectos da Bioética; Natureza e arte; Filosofia e arte.	Categorias estéticas – feio, belo, sublime, trágico, cômico, grotesco, gosto, etc.; Estética e sociedade.

3ª Série

CONTEÚDO ESTRUTURANTE: Ética e Filosofia Política

CONTEÚDO BÁSICO:

1º trimestre	2º trimestre	3º trimestre
Ética e moral; Pluralidade ética; Ética e violência.	Razão, desejo e vontade; Liberdade: autonomia do sujeito e a necessidade das normas; Origens da Filosofia Política; Relações entre comunidade e poder; Liberdade e igualdade política;	Política e ideologia; Esfera pública e privada. Cidadania formal e/ou participativa; Ética no dia-a-dia; Política atual.

METODOLOGIA

O ensino apresenta-se, segundo Salvador (1994, p. 102 apud Ghedin, 2009, p. 131) “como a interação sistemática e planejada dos atores educacionais, aluno e professor, em torno da realização de algumas tarefas de aprendizagem”. Nesse sentido, ao pensar a metodologia o professor deve também se pôr como agente de aprendizado, no qual o método implica em um horizonte de amplas trajetórias.

Sob essa perspectiva Navia (1989, p.36-37 apud Ghedin, 2009, p. 149) apresenta algumas orientações que trabalhadas sob a luz das questões histórico-social-ideológica da educação, permitirão maior lucidez quanto à questão metodológica do ensino de filosofia. São essas as orientações:

- 1) *Que a reflexão esteja precedida de um estudo e avaliação coletiva, documentada, sobre o contexto sócio-histórico e cultural do país, do continente em que se está imerso e no qual se desenvolve a tarefa educativa;*

- 2) *Que se dê assim mesmo um estudo e reflexão sobre a situação real da educação, dos educadores (e família) dos educadores;*
- 3) *Que se investigue a função social e ideológica que a educação e, em especial, o ensino da Filosofia cumprem ou podem cumprir no contexto sócio-histórico;*
- 4) *Que seja um estudo e reflexão levado à frente pelos próprios protagonistas da educação;*
- 5) *Que seja uma elaboração democrática em que os protagonistas sejam, principalmente e primordialmente, os educadores, os educandos e suas organizações representativas.*

Nesse sentido pensamos que os temas e a metodologia do ensino de filosofia não escapam à significação do real, do social. De modo que devem sensibilizar acerca do vivido. É importante que professor e estudante saibam identificar as questões complexas do fazer humano, seja no campo da arte, da ética e da política. “O perceber filosófico é um modo de estar no mundo, de se ver e de ouvir o outro, de captar e decifrar signos”. Deve existir uma abertura para a problematização, a atividade filosófica se efetiva a partir da argumentação, do questionamento, da atitude não dogmática diante das contradições, essa dinâmica irá conduzir à reflexividade, é a tomada de consciência que propiciará criar ou recriar a realidade, sintetizar a experiência, isto é, conceituar, apropriar-se do vivido de modo de modo singular, apesar da multiplicidade experimentada.

Assim sendo, todas as leis da obrigatoriedade do currículo bem como os programas sócio educacionais serão trabalhados sempre quando o conteúdo de filosofia provocar, tais como: História e Cultura Afro-Brasileira, Africana e Indígena (Lei Federal 11.645/08), Educação Ambiental (Lei Federal 9795/99, Decreto 4281/02 e Deliberação 04/13); Educação Fiscal e Educação Tributária (Decreto 1143/99, portaria 413/02); Violência contra a Criança e Adolescente (Lei Federal 11.525/07); Estatuto da Criança e Adolescente (Lei Federal 8069/90); Prevenção ao Uso Indevido de Drogas (Lei 11.343/06); Sexualidade Humana (Lei 11.733/97); Execução do Hino Nacional (Lei Federal 12.031/09); História do Paraná (Lei 13.181/01 e Deliberação 07/06); Música (Lei 11.769/08, Resolução 07/10 e 02/12); Estatuto do Idoso (Lei Federal 10.741/03); Educação para o trânsito (Lei 9503/97); Educação Alimentar e

Nutricional (Lei 11.947/09); Direitos Humanos (Resolução 01/12 – CNE/CP); Hasteamento e execução do Hino do Paraná (Instrução 13/12) e Brigadas Escolares (Decreto 4837/12).

AVALIAÇÃO

Conforme a LDB 9394/96, a avaliação deve ser concebida na sua função diagnóstica e processual, isto é, ela não tem finalidade em si mesma, mas sim de subsidiar e mesmo redirecionar o curso da ação no processo ensino-aprendizagem, tendo em vista garantir a qualidade que professores, estudantes e a própria instituição de ensino estão construindo coletivamente.

Em filosofia, avalia-se não apenas a assimilação dos conteúdos na sua positividade, mas principalmente, a capacidade de argumentação que sustenta uma determinada tomada de posição. Logo, é preciso propiciar momentos avaliativos diferenciados, uma vez que a avaliação é também uma oportunidade de aprendizagem, tanto para o estudante quanto para o professor. Para tal, os instrumentos avaliativos serão trabalhados, de modo que, necessariamente, 70% com atividades presenciais (realizadas em sala de aula, seja avaliações, trabalhos, listas de exercícios, etc.) e os demais 30% poderão, de acordo com o PTD do professor, em distribuídos em atividades extraclasse.

Assim, propomos como instrumentos de avaliação: provas dissertativas e/ou objetivas, simulados, debates, seminários, trabalhos de pesquisa orientado, privilegiando o estudante acerca da clareza dos critérios e instrumentos avaliativos.

RECUPERAÇÃO

Segundo Giroux (1997, p.96 apud Ghedin 2009, p. 101) “para que o conhecimento seja usado pelos estudantes a fim de dar significado a suas exigências, os educadores terão que usar os valores, crenças e conhecimentos

dos estudantes como parte importante do processo de aprendizagem”. Diante dessa estrutura de raciocínio o estudante pode apresentar dificuldade em transpor a sua realidade para a dimensão teórico-filosófica. Não obstante, tal dificuldade não significa a impossibilidade do estudante em desenvolver uma consciência crítico-reflexiva.

Cabe ao professor considerar o empenho e o desempenho do estudante, promovendo a retomada de estudos e processos de recuperação, concomitante às atividades, considerando a diversidade de instrumentos avaliativos, bem como revendo a prática docente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANHA, M. L. A. & MARTINS, M. H. P. *Filosofando: introdução à filosofia*. 5ª ed. Rev. atual. São Paulo: Moderna, 2014.

BARROS, Fernando R. de Moares. *Estética Filosófica para o ensino médio* – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

CAMPANER, Sônia. *Filosofia: ensinar e aprender*. São Paulo: Livraria Saraiva, 2012.

CHAUÍ, Marilena. *Introdução à história da Filosofia: Dos pré-socráticos a Aristóteles*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

COTRIM, Gilberto. *Fundamentos da Filosofia: história e grandes temas*. 15ª ed. Reform. e ampl. São Paulo: Saraiva, 2014.

CRISÓSTOMO, J. (org.) *A filosofia entre nós*. Ijuí: Unijuí, 2005. (Coleção filosofia e Ensino 8).

FEITOSA, Charles. *Explicando a filosofia com arte*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

GALLO, S. (Org.); DANELON, Márcio (Org.); CORNELLI, Gabriele (Org.) *Ensino de Filosofia: Teoria e Prática*. 1ª ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2004. Vol. 1.

GALLO, S. Filosofia: ensino médio / Coordenação, Gabriele Cornelli, Marcelo Carvalho e Márcio Danelon. - Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. 212 p.: il. (Coleção Explorando o Ensino; v. 14).http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=7837-2011-filosofia-capapdf&category_slug=abril-2011-pdf&Itemid=30192.

GALLO, S. (Org.); KOHAN, Walter Omar (Org.). *Filosofia no Ensino Médio*. 1ª ed. Petrópolis: Vozes, 2000. Vol. 1.

GHEDIN, E. *Ensino de Filosofia no Ensino Médio*. 2.ed. – São Paulo: Costez, 2009. – (Coleção Docência em Formação. Série Ensino Médio).

JAEGER, W. Wilhelm. *Paidéia: a formação do homem grego*. 4 ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2001.

JOHNSTON, Derek. *História concisa da filosofia: de Sócrates a Derrida*. Tradução: Rogério Bettoni. São Paulo, Rosari, 2008.

MARCONDES, Danilo. *Textos básicos de filosofia: dos Pré-Socráticos a Wittgenstein*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

MONDIN, B. *Introdução à Filosofia: problemas, sistemas, autores, obras*. 12ª ed. São Paulo: Paulus, 2001

RODRIGO, L. *Filosofia em sala de aula: Teoria e prática para o ensino médio*. 1ª ed. Campinas, SP: Autores associados, 2009.

SEE-Paraná. *Diretrizes Curriculares da Educação Básica do Paraná – Filosofia*, 2008.

VÁRIOS AUTORES. *Para filosofar*. – Ed. reform. – São Paulo: Scipione, 2007.